



Surra no irmão caçula

► **A horripilante história da *troika* que se prepara para destruir Eduardo Pazuello**

O Senado prepara-se para a primeira reunião de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, convocada para as 10 horas da manhã da próxima terça-feira 27, que pretende investigar ilícitos no combate à pandemia do novo Coronavírus. A sessão de julgamento do Tribunal de Contas da União, presidida pela ministra Ana Arraes, há alguns dias, em 14 de abril, foi marcada por perorações negativas, de quase todos os demais presentes, ao comentarem um relatório daquela corte que trata da atuação de Eduardo Pazuello à frente do Ministério da Saúde e, no particular, acerca de seu desempenho no combate à Covid-19.

A sua substituição pelo cardiologista Marcelo Queiroga na pasta da Saúde sugeriu, de mesmo modo, elucubrações sobre o seu destino no governo Bolsonaro. E as elucubrações persistem, na medida em que não se decidiu ainda o que fazer do general. Esses são os sinais de que uma *troika* devastadora, formada pelo Senado, pelo TCU e por uma omissão calculada do presidente da República, instala-se, sombria e tenebrosa, sobre a cabeça de Pazuello: vai chover, vai chover granizo ou coisa pior...

Esse alinhamento prenuncia uma conjugação astral ainda mais ampla, porque a mídia vai demolir Pazuello, quase como numa guerra por *proxy*, para alvejar Bolsonaro, que vai lavar as mãos, como Pôncio Pilatos (fingindo que isso nada tem a ver consigo). A opinião pública,

sempre à espera de jatos de sangue, vai aceitar o ágnus-dei de quatro estrelas como bode expiatório e restará nada, absolutamente nada, ao Judiciário, senão consumir o sacrifício.

Mas a verdade é que é feio, muito feio, bater no irmão menor para atacar o irmão maior. Pazuello foi títere de Bolsonaro, foi seu boneco de ventríloquo, disse e fez o que o chefe lhe mandou dizer e fazer. Ou vocês se esqueceram daquele vídeo patético que o presidente gravou ao lado do general, quando o ex-ministro ainda convalescia da Covid? Foi lá, em outubro do ano passado, no dia em que Bolsonaro mandou cancelar o protocolo de intenções para a compra da CoronaVac (essa mesma que hoje imuniza a maioria do nosso povo). O presidente fez, ao seu estilo, um gesto para o ministro sobre o qual acabara de passar como rolo compressor. Foi visitá-lo com Covid (valha-me Deus!) e aproveitou para dissuadir os rumores de atrito com seu funcionário. Pazuello, com uma camiseta verde-abacate, quase da cor do seu sorriso, disse em alto e bom tom: “Senhores, é simples assim, um manda e o outro obedece”. Bolsonaro caiu na gargalhada, uma gargalhada autoconfiante e confirmadora de que ali era tudo ele.

Era ele no menoscabo ao vírus, era ele na apologia das aglomerações e às falsas panaceias, era ele na detração das máscaras, era ele na falta das campanhas de conscientização, era ele na falta de testagem, era ele no auxílio pífio e demorado aos pobres e às empresas afetadas, era ele na demora em comprar vacinas e – é óbvio – era ele na falta de oxigênio que asfixiou tanta gente Brasil afora, mas sobretudo em Manaus, num dos mais chocantes casos da barbárie que marca o episódio brasileiro da pandemia.

Pazuello, é claro, não se ajuda, não é propriamente a imagem da eficiência, mas não pode ser responsabilizado para além das suas faltas. Não foi o chefe, não deu as cartas, não definiu a política pública, agiu sob as ordens do seu comandante supremo. E todo mundo sabia disso. A sua substituição por Queiroga revela uma ainda mais marcada síndrome de dupla personalidade do governo, que, de um lado, continua a dar de ombros para a pandemia, enquanto, de outro, tenta exhibir esforços para comprar vacinas (cobrir as provas do seu descaso e da sua negligência) e minimizar os danos econômicos dessa verdadeira catástrofe que se abala sobre nós. É como se Bolsonaro tivesse, com o aproximar-se das eleições e a elegibilidade de Lula (o seu antônimo), discurso e ações para todos os gostos. Como se tentasse sussurrar nos ouvidos dos eleitores ao sabor de suas preferências e dos seus humores. As reiteradas pesquisas de opinião dão conta de que a estratégia não funciona e de que a pandemia é uma peste para quem governa, sobretudo para os governantes incompetentes.

São quase 380 mil mortos no Brasil. Os danos econômicos para países em desenvolvimento não guardam precedentes históricos. Os bancos de investimento vêm reduzindo, com vistas ao que aconteceu em 2020, as projeções de crescimento do nosso PIB para 2021 e 2022. A pobreza está nas ruas e a morte nos hospitais (e nas suas filas de espera). A culpa é do vírus e dos seus combatentes, é claro. Mais de uns do que de outros, contudo. Não dá para bater no peito ao dizer que manda, sem assumir as responsabilidades do poder.

Mas o forte do presidente, e quem trabalhou com o homem sabe bem disso, é abandonar os feridos no campo de batalha. •

redacao@cartacapital.com.br